

Heidegger e o iPad: presença e imagem na pandemia¹

Heidegger and the iPad: Presence and Image During the Pandemic

Resumo

Este artigo pretende explorar diferentes dimensões do nosso momento digital. A crise do Covid-19 tem permitido que experimentemos com as imagens num nível inédito. Tomando tal realidade como ponto de partida, e discutindo uma série de referências filosóficas, pergunto se os encontros virtuais se opõem à “experiência” que tão frequentemente pensamos em termos benjaminianos. Se duas pessoas se sentam em silêncio diante de computadores conectados, elas estão juntas? Esta simples questão dispara um sem-número de reflexões sobre a própria natureza das imagens e daquilo que chamamos de presença. Embora minha avaliação final da experiência digital contemporânea seja positiva, as questões que ela permite levantar são muitas. No centro de meu argumento estão o corpo e as implicações sociais da digitalização do mundo, assim como a experiência do ensino a distância.

Palavras-chave: Imagem, Presença, Martin Heidegger, Walter Benjamin, Ensino a Distância, Mundo Digital.

1 Embora tenha sido escrito com a pandemia em mira, este artigo é também um diálogo com o pensamento de Andréa de Castro Melloni, que há anos vem refletindo sobre a condição dos refugiados, dentro e fora do Brasil. As fotografias que acompanham o texto foram tiradas em Atenas em julho de 2017. Para evitar um caráter excessivamente referencial, ou meramente “ilustrativo”, decidimos manter as imagens sem legenda. Convém apenas lembrar que o hotel que aparece em uma delas era, àquela altura, um espaço gerido pelos próprios refugiados, sobretudo do Oriente Médio, no bairro de Exarchia. Quanto à obra de William Kentridge, “More Sweetly Play the Dance”, que aparece em duas das fotografias, nós a vimos aos pés da Acrópole, como parte das exposições da documenta 14, que naquele ano se estendeu de Kassel a Atenas.

* Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Princeton. Contato: pmeira@princeton.edu

** Uma versão preliminar deste texto foi publicada no Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social

Recebido em: 11/06/2020 Aceito em: 16/07/2020

Abstract:

This article aims at exploring different dimensions of our digital moment. The Covid-19 crisis has allowed us to experiment with images on an unprecedented level. Taking that as a point of departure, and building upon a number of philosophical references, I ask whether virtual meetings are opposed to an “experience” that we so often conceive in Benjaminian terms. If two people sit in silence in front of connected computers, are they together? This simple question triggers a series of reflections on the very nature of images and what we call presence. Even though my final take on the current expanded digital experience is positive, the questions it allows us to raise are many. At the core of my argument is the presence of the body and the social implications of the digitization of the world, as well as the remote teaching experience.

Keywords: Image, Presence, Martin Heidegger, Walter Benjamin, Remote Teaching, Digital World.



1. O isolamento como vigília

“É o décimo sétimo dia em que não consigo dormir”.²

Essa é a primeira frase de um livro que li recentemente, quando já estávamos trancafiados em casa. Trata-se de uma novela de Murakami, *Sono*. Mais que simples torpor ou sonolência, a personagem principal narra sua estupefação diante da ausência de qualquer vontade de dormir. Seu temor é que os fantasmas continuem a aparecer. Estando fora do sonho, eles não serão mais alucinações: “*aquilo era a realidade*” é a constatação de quem permanece inapelavelmente em vigília.

O isolamento é uma espécie de vigília continuada?

A atividade que nos ocupa tanto — Zoom, WhatsApp, etc. — é mais intensa que de costume, como se todos dependêssemos, mais que nunca, de uma janela para a “realidade” que, por sua vez, supomos existir para além do espaço em que estamos.

São tempos estranhos, quando milhões se abrigam em suas casas e as classes sociais se tornam mais visíveis que nunca. Não demorou muito a ficar claro que o isolamento não era para qualquer um, sobretudo num sistema

2 Murakami, H., *Sono*, 2015, p.5.

em que o bem-estar social é uma quimera. Isso sem contar os doidos instalados nos palácios deste mundo: o Brasil de Bolsonaro na vanguarda da loucura, como bem se sabe.

Além dos profissionais das atividades “essenciais”, um exército de entregadores continuou, desde os primeiros dias de isolamento, rodando em condições que não são apenas prova da exploração econômica, mas são também a lembrança de que as condições insalubres dos trabalhadores precarizados se tornam literais, num contexto de pandemia.

Como sugeriu Giorgio Agamben recentemente, com sua agudeza tão fina quanto exagerada, é como se o terrorismo tivesse se exaurido como desculpa para medidas extraordinárias, e eis que surge a pandemia como pretexto ideal para empurrar as medidas excepcionais ao seu limite. Estaríamos diante de mais um avanço do estado de exceção, que é a regra da política.³

Se levarmos a sério e a fundo o filósofo italiano, toda e qualquer medida de “controle” de saúde pública pode se tornar suspeita, por ser parte de um concerto pelo controle dos corpos. As considerações de Agamben (como disse um amigo: o filósofo que vê, desconcertado, sua teoria confirmar-se) têm recebido uma saraivada de críticas; basta pesquisar online. Fico aqui com a tirada deliciosa de Jean-Luc Nancy, quando lembra que há trinta anos os médicos lhe indicaram um transplante de coração, mas “Giorgio”, seu querido amigo, tentou demovê-lo da ideia, sempre desconfiado dos conselhos médicos.⁴ Sorte que Nancy não ouviu Agamben: entregue à disciplina médica, hoje ele vive, pronto a criticar os pressupostos da biopolítica...

Não é fácil entender quais são, exatamente, as noções de *presença e comunidade* que se forjam neste momento, em meio à comoção geral que acompanha a pandemia. Mas o fato é que o destino passa a operar numa espécie de roleta-russa acelerada. O fantasma da morte ronda a imaginação e não parece casual que, no Brasil, o psicopata-mor se sinta em casa com o revólver brincando nas mãos de um deus invisível. Enquanto o drama pode ser diminuído pela imaginação, reduzindo-se a uma “gripezinha” tolerável, a vigília bolsonarista perdura. Mas e se, como lembrou José Miguel Wisnik, nas trilhas de Arnaldo Antunes, o real vem finalmente com tudo? “Real é aquilo que não dá para não ver, mesmo que seja invisível, como um vírus.”⁵

3 Agamben, G. “The Invention of an Epidemic”, 2020.

4 Nancy, J.-L., “Viral Exception”, 2020.

5 Wisnik, J. M., “Coronavírus é antagonista à altura do estado de alucinação de Bolsonaro”, 2020.

Como lembra Shaj Mohan, em seu diálogo com Kant e Wittgenstein, o fim do mundo não é um evento, porque ele não é “um evento no mundo”.⁶ Ou seja, o fim está fora do mundo, pelo menos enquanto formos capazes de pensar nele. Na melhor (ou pior) das hipóteses, o fim nos aguarda em algum lugar distante, no tempo e no espaço.

O sentimento de solidão estaria armado sobre uma desconfortável equação: sentimos que o mundo segue, sem que possamos compreender o seu ser, sua razão de existência. Combater a solidão — e esta poderia ser uma definição simples do que chamamos de vida — é possível sempre que se compartilhe algo com o “ser” do mundo, que está na linguagem. É do Wittgenstein maduro a conclusão de que a linguagem não pode ser privada, porque a experiência é pública.⁷

Mas o que é público, nessa estranha maratona virtual?

2. As aulas e a convivência online

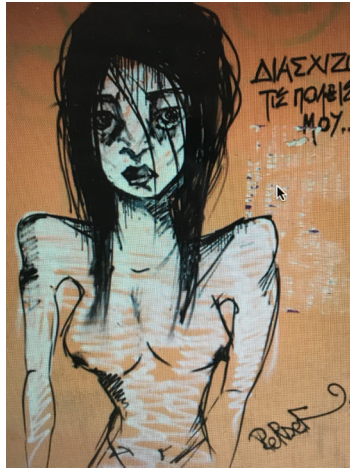
Ensinar remotamente é tão estranho quanto revelador. Cansa mais, se o professor estiver interessado em compreender as reações dos estudantes, e se estiver empenhado em ver quem segue e quem não segue a discussão na “sala de aula”. Em uma sala convencional, a linguagem corporal, os olhares e os gestos se estendem como um quadro diante de nós. Numa tela compartilhada, vemos apenas os rostos, muitas vezes embaçados por uma conexão ruim. É preciso ater-se obstinadamente a eles, em busca de algo.

As formas de convivência existem e resistem, no mundo online. Fico imaginando que, conscientemente ou não, há um pequeno Walter Benjamin em

6 Mohan, S., “What Carries Us On”, 2020.

7 “If we bring Kant and Wittgenstein together the end of the world is not an event, for it is not an event in the world. This absolute certitude is the most obscure experience, while also being the most distinct. Like a membrane it envelops everything while penetrating everything as we look into everything. Early Wittgenstein’s experience of this mystery was that of the individual who in his solitude experienced the sense of the world lying outside it while the being of the world itself was for that very reason obscure. But what we can say, for now, is that this experience of the obscure — the assurance of an absolute persistence — is possible on the condition that we are able to speak with one another in sharing our reasons and responsibilities. Later Wittgenstein would argue that the possibility of each experience is public, for there is no private language. Then, each one of us, without knowing the whence and whither of it, share the obscure because we can share words, cultures, love, cautions and tragedies.” Idem.

cada um de nós, professores, quando nos queixamos da experiência online. Estaríamos preocupados com a perda da aura? Seria esta a era da reprodutibilidade técnica do ensino?⁸



Entendo a queixa de tantas e tantos colegas que não reconhecem, na experiência emergencial do ensino remoto, a qualidade de uma aula “de verdade”. Compreendo também a ansiedade que nos mobiliza quando vemos que, afinal, as aulas online funcionam, à sua maneira. No fundo, a pergunta sobre a substituição do professorado por instrutores remotos nos assombra: e se formos dispensáveis?

É claro que não somos. Refiro-me, isto sim, a uma fantasia que, em tempos de neoliberalismo desbragado, se reforça e faz com que muitos olhem para a experiência das aulas online como uma ameaça ao seu emprego, uma espécie de preparação para a substituição de todo um sistema de ensino por outro, com a dispensa dos professores, como os conhecíamos até aqui. É claro que uma fantasia desse tamanho alcança perfeitamente a realidade quando o ministro da educação no Brasil é um olavista tresloucado.⁹

8 Jogo aqui, é claro, com o texto clássico de Benjamin. Cf. Benjamin, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, 1985, p.165-196.

9 Sobre o núcleo ideológico do governo Bolsonaro, a digitalização da política e o trabalho dos “ministrolls” Abraham Weintraub, Damares Alves e Ernesto Araújo ao lado de “figuras paraministeriais” como Filipe Martins e Olavo de Carvalho, além de Carlos e Eduardo Bolsonaro, cf. Lago, M. “Procura-se um presidente”, 2019.

Mas não menos pautada pela fantasia é a postura daqueles de nós que recusam a experiência online sem mais delongas, tendo-a simplesmente por desprezível. Não me refiro aqui aos que estão preocupados em responder à pergunta, real e importante, sobre o acesso digital de populações carentes, e de estudantes para quem a inclusão digital chegou no máximo ao telefone, e ainda assim precariamente.¹⁰ Refiro-me, diferentemente, à relação ideal que muitas vezes mantemos com o que seria uma aula “de verdade”.

Convém esclarecer que falo de um lugar privilegiado (Princeton), onde todos nos incomodamos com a súbita mudança para o ensino online, embora saibamos que nenhuma ameaça recai sobre nosso trabalho. A própria chance de que a situação online se estenda por mais um ano, rifando o caráter “presencial” das aulas, despertou a curiosidade de colegas pela nova experiência: o que *apenas* as aulas online permitiriam, e que valeria a pena, portanto, explorar?

No Brasil, a discussão sobre o ensino remoto reacende promessas e temores ligados ao debate sobre EAD (ensino a distância), casando-se a um contexto inquietante: num momento em que a esfera pública é colocada sob suspeita e os desejos mais regressivos apontam para a *casa* como o espaço onde os “verdadeiros valores” deveriam ser ensinados, o que significa substituir a circulação nos campi universitários por um ensino que se dá no interior do lar? É um problema duro para as esquerdas, especialmente quando a praça é interdita, tornando-se um espaço reclamado justamente por aqueles que desprezam as conquistas democráticas de 1988.

Mesmo reconhecendo a complexidade do quadro, pergunto-me sobre as muitas reações negativas diante do ensino online, que recusam a experiência em nome do que seria o verdadeiro ato pedagógico, ou a verdadeira aula.

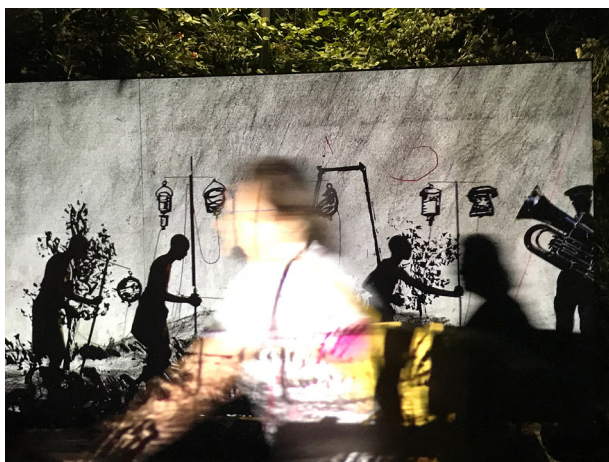
O ideal pode ser uma fantasia paralisante e, não poucas vezes, as condições ideais de ensino são uma barreira que nos mantém enquistados. Como se, consciente ou inconscientemente, julgássemos tratar-se de um trabalho menos digno, inclusive porque os alunos não mereceriam um ensino “pela metade”. O ideal é nobre, mas pergunto-me se a recusa do que está longe do ideal não termina por fazer, da posição *nobre*, aquilo que ela é, em seu fundo frequentemente inconfessável: uma postura aristocrática. Quando o mundo desaba lá fora, convém pensar no que podemos fazer, como professores, dentro de casa.

10 Soprana, P. “70 milhões de brasileiros têm acesso precário à internet na pandemia do coronavírus”, 2020.

As condições de trabalho dos professores variam muito, assim como as dos alunos. Em turmas relativamente pequenas, ver estudantes nos quadradinhos espalhados pela tela é interessante, inclusive porque as classes sociais sobressaem, num pano de fundo bastante literal. Há uma diferença imediata entre aquela aluna que vemos de volta a seu quarto de adolescente, bem-instalada e confortável, e o aluno que precisou inventar um cantinho improvável em sua casa para se proteger do barulho, dos irmãozinhos, e de tantas outras coisas invisíveis, que no entanto estão lá.

A visibilização do invisível é, também neste caso, produto da pandemia.

As condições de produção das aulas, bem como a situação diversa dos professores, também se revelam. Percebo a diferença imensa que é ensinar online com filhos em casa, e ensinar sem filhos. Claro, há um lado humano interessante que não deve nos escapar: quantas crianças, normalmente invisíveis para os colegas de trabalho, se fazem visíveis, aparecendo atrás da cena, ou cruzando o campo de visão sem ter sido chamadas? Que dado de humanidade é esse que torna o professor mais vulnerável, com sua fala subitamente atravessada pela cena doméstica? É claro que as dinâmicas de gênero também aparecem aí. Tenho visto mais mulheres preocupadas com as crianças que cruzam a tela, que homens. Isso me faz pensar na mulher encerrada como o contrário de Ulisses, como lembrou Leila Slimani a propósito do confinamento.¹¹ Não vi ainda nenhum pirralho escalando a cadeira de um colega homem, no meio do Zoom.



¹¹ Slimani, L. “As mulheres e o confinamento”, 2020.

Quando Benjamin fez sua crítica do Mickey Mouse, ele falava do cinema como uma promessa, porque a grande arte nos permitiria entrar de forma diferente nos cafés, nas ruas, nos escritórios e nos quartos que, até então, pareciam nos aprisionar. Por meio da genial objetiva, esses lugares fechados se liberariam para as “viagens aventurosas” da imagem cinematográfica. Com seus inúmeros movimentos, oscilações, zooms (*no pun intended*), a câmera nos permitiria enxergar aquilo que não se faz evidente na percepção do cotidiano, revelando o que Benjamin, em diálogo com a psicanálise, chamará de “inconsciente ótico”. O famoso camundongo de Disney ajudaria a promover “uma explosão terapêutica do inconsciente”, evitando que as tensões criadas pela tecnicização diária se convertam em psicoses coletivas.¹²

Que fique claro: não estou sugerindo que a riqueza do cinema esteja, nem de longe, presente na experiência capenga das aulas online. Apenas sugiro que essa nova *experiência* pode ser também uma forma de registrar aspectos da realidade que se situam “fora do espectro de uma percepção sensível normal”, para utilizar livremente as palavras de Benjamin.¹³ Ou seja, algo entra pela tela que não era percebido antes, e talvez seja bom que possamos conhecer também essa realidade que andava escondida até agora.

Penso na cena que me relatou uma amiga. Logo nos primeiros dias de quarentena, preocupada com o cotidiano das crianças, ela resolveu ver o que a filha de dez anos fazia em seu quarto. Espiando através da porta entreaberta, deu-se conta de que a menina desenhava e fazia lição com o tablet ao lado, e o FaceTime ligado. Do outro lado da tela, uma amiguinha. De vez em quando uma delas dizia algo. Algumas palavras apenas, e voltavam ao que estavam fazendo, em silêncio. A tela aberta. E as duas juntas, a tarde toda.

3. Medo e angústia

Se é verdade que a linguagem não pode ser exclusivamente privada, a presença passa a ser, no seu limite, sempre uma forma de convivência. A etimologia de *convivência* é clara: vive-se *com* alguém, diante de algo. No plano gramatical, a conjunção contempla o problema e parece até resolvê-lo: quando há linguagem, somos sempre pelo menos dois, eu e o outro.

12 Benjamin, W., *op.cit.*, p.189-190.

13 *Idem*.

Mas a questão se complica e se estampa no célebre abacaxi que é traduzir o *Dasein* de Heidegger: “presença”, “co-presença”, “ser-aí”, etc. Em sua monumental tradução de *Ser e Tempo*, Fausto Castilho optou por deixar a palavra no original alemão. Para além do tremendo exercício estilístico que é reter os conceitos que se emaranham em cada vocábulo utilizado por Heidegger, há momentos, no texto, em que algumas imagens bonitas se mantêm. É o caso da discussão da “temporalidade do encontrar-se”, quando aprendemos que “o entender nunca flutua no ar, mas é sempre encontrável”.¹⁴

Ou seja, a compreensão — *Verstehen*, no original — depende de um estado de ânimo que abre ou fecha o ser ao mundo. Simplifico aqui o denso cipoal em que se discute o *Dasein*, que aliás reaparece na reflexão contemporânea sobre a “produção de presença”, na expressão fixada por Gumbrecht.¹⁵ Mas é significativo que Heidegger se detenha sobre a dimensão de *futuro* que funda a compreensão — o “entender”, como quer Fausto Castilho —, lembrando que o “encontrar-se” está na órbita do presente. É aí que ressurge, na argumentação, a temporalidade do *medo*, que se liga de forma complexa ao porvir.

Trata-se de um passo fundamental: para Heidegger, ter medo não nos conecta simplesmente a “algo futuro” (a morte por um vírus invisível que ronda, digamos assim), mas remete à estranha posição existencial e temporal que é um certo “aguardar”. *Aguardar*, no caso, é uma forma de recuar, como se estancássemos no ente que somos. Oprimidos pelo medo, não assumimos nenhuma “possibilidade determinada”, perdemos a perspectiva e, finalmente, vagamos por um mundo presente confuso, em que sequer conseguimos saber o que deveríamos começar a salvar, no caso de um desastre.

14 Heidegger, M. *Ser e Tempo*, 2012, p.923.

15 Gumbrecht, H. U. *Production of Presence: What Meaning Cannot Convey*, 2004.



Outra imagem bonita é, no mesmo trecho de *Ser e Tempo*, a dos moradores de uma casa em chamas que, movidos pelo medo, terminam por salvar apenas o mais indiferente, ou seja, o “utilizável mais próximo”.¹⁶ Estendendo a reflexão à *angústia*, que ele qualifica como algo diferente e muito mais interessante que o medo, o filósofo cerra baterias contra o simples aguardar temeroso, supondo que “o aguardar ocupado, nada encontrando a partir de que possa entender-se, só se segura no nada do mundo”.¹⁷ Ou seja, o medo está ligado ao ato de simplesmente aguardar. Transfiro aqui a pergunta para a imagem: será que nos encontraríamos diante daquele terrível “nada do mundo”, nos momentos em que nos vemos frente à tela nossa de cada dia?

Talvez não.

A acreditar-se nas sugestões de Heidegger, a angústia vem para nos salvar, porque, com ela, aquele eterno e infernal “ocupar-se” é substituído por uma abertura, isto é, pela lembrança da presença da finitude que, ao invés de paralisar, permite que o ser se abra ao mundo dos possíveis. Nas suas palavras, o presente da angústia “mantém o instante — pelo qual e só por ele esse presente é possível — *pronto para o salto*”.¹⁸

16 Heidegger, M., op.cit., p.929.

17 Ibidem, p. 933.

18 Ibidem, p.935. Itálico no original.

Difícil ler esse “salto”. Mais que teórico, ele é poético e, a rigor, também político. A batalha de Heidegger é contra o poder do “esquecimento” que opera nos estados de ânimo cotidianos, regulados pela “ocupação imediata”. Deixando a precisão conceitual de lado por um minuto (e deixando de lado também a história do próprio Heidegger), eu diria que aqui surge a nossa única salvação, isto é, a possibilidade de substituir o sentido estático de aguardar o fim do mundo pela chance de ser *afetado* pelo presente. O fim do mundo está no futuro que fantasiamos. Já a “afecção”, se bem compreendo o que propõe Heidegger, anuncia a possibilidade de presenciar, ou seja, de ser tocado num determinado tempo, sem que a (in)ação de aguardar o fim dos tempos nos tome. Como destaca Yuk Hui, Heidegger estabelece uma concepção do tempo fortemente ligada à experiência do dia a dia, de tal forma que a transcendência não pode ser compreendida senão a partir de suas raízes no presente subjetivo, ali onde a *apreensão* — no seu sentido kantiano — se dá.¹⁹

Seja como for, trata-se de uma ontologia radical do presente. Mas nos resta perguntar o que fazer dela, quando estamos diante das telinhas. Seja qual for a resposta, a *presença* é uma questão incontornável, como no caso da tela que prolonga o espaço entre as duas meninhas que fazem a tarefa *juntas*. O silêncio dos tablets não impede que elas estejam ali numa reunião, e que saibam ambas, com uma precisão que talvez nos falte, quando é preciso romper o silêncio, e quando convém mantê-lo.

19 “By quoting Kant’s view that time ‘apart from the subject is nothing,’ Heidegger suggests that ‘this indeed implies that in the subject, it is everything.’ Time constitutes the finitude of Dasein as well as the transcendence of its being. By the same token, Heidegger is able to assert that the ‘rootedness in time alone enables the transcendental power of imagination in general to be the root of transcendence’. [...] In Critique of Pure Reason, Kant gave three different orders of synthesis. The first is apprehension, meaning the process by which data that come into the mind are passively stored as manifolds. [...] The second synthesis is recollection/reproduction in imagination; it differs from the first synthesis in that now the image is formed through the *Einbildungskraft* (power of imagination). The third synthesis is the synthesis of recognition in relation to a concept, which must at the same time be the recognition of sameness and the recognition of the concept’s unity. Heidegger uses three German words, *Abbildung* (likeness), *Nachbildung* (reproduction), and *Vorbildung* (pre-figuration), to characterize these three syntheses. At first glance, it is very clear that these syntheses have the role of putting what is perceived in relation to time.” Hui, Y. *On the Existence of Digital Objects*, 2016, n.p. Em seu estudo, Hui contrasta a crítica heideggeriana do racionalismo lógico ao nascimento do pensamento computacional no século XX, o que foge ao espectro deste artigo, embora ofereça um interessante caminho de pesquisa para a compreensão da tecnologia como criação de espaços alternativos em que podemos existir; onde, nas palavras de Laymert Garcia dos Santos, “se possa gozar, sofrer, amar, sonhar, além de pensar”. Santos, L. G. “Considerações sobre a realidade virtual”, 2003, p.110.

4. Presas da imagem

Num livro notável publicado em 1940, *A invenção de Morel*, Adolfo Bioy Casares imagina um degredado que registra o tempo passado numa ilha, na qual estranhos visitantes aparecem e reaparecem continuamente. Após algumas insensatas investidas, o narrador percebe tratar-se de uma engenhosa máquina ótica que, perpetuamente movida pelas marés, projeta a imagem de pessoas que se movem e agem ao longo de uma única semana, que se repete indefinidamente. A “eternidade rotativa” daquela cena semanal leva o narrador a perguntar-se pelas pessoas cujas imagens ele vê diante de si, incansavelmente, dia após dia. Estarão vivas? Mas onde? E por que se entregam àquele baile interminável?

Imersas no mundo que o narrador presencia, que é o da *imaginação*, as pessoas estão “livres de más notícias e de doenças, vivem sempre como se fosse a primeira vez, sem recordar as anteriores”.²⁰ Para as imagens que se projetam em ininterrupto movimento, não haverá jamais uma primeira vez, porque tampouco há consciência do círculo em que são projetadas pela máquina em movimento perpétuo. Presas da imagem de si mesmas, são o testemunho de algo que aconteceu, embora não tenham ciência do tempo que escoar.

Como um exilado da experiência, o narrador termina se perguntando pelo “céu da consciência”, ali onde uma das imagens projetadas poderia, afinal, reagir e finalmente reconhecê-lo.²¹ Entretanto, ao circular sem trégua pelo mundo imagético, ele envelhece sem saber se um dia encontrará a amada, que caminha, também, naquela semana interminável.

A desconfiança diante das projeções luminosas que se impõem ao sujeito permitiria discutir a ontologia da imagem: como se sustenta, mas também qual é sua natureza. Não é este, no entanto, o caminho que tomo aqui, embora eu faça questão de deixá-lo aberto.

Proponho apenas, como exercício para os dias de pandemia, refletir ainda uma vez sobre os preconceitos que nos movem, sempre que supomos existir uma desconexão entre a experiência e sua presença na imagem. Ao temer entregar a vida às imagens, o nexos que nos falta é a confiança de que o corpo permanecerá abrigado e ativo, mesmo quando a convivência se der num plano de copresença digital. Ironicamente, a abundante imaginação gerada pelo poder viral destrava alguns desses preconceitos, obrigando-nos a conviver

20 Bioy Casares, A. *A Invenção de Morel*, 2016, p.91.

21 *Ibidem*, p.111.

(emergencialmente, é verdade) no plano da distância, e a trabalhar nela; ou seja, nós nos distraímos, nos concentramos, amamos e odiamos à distância. Não é nada que já não estivesse ocorrendo, pode-se argumentar. Mas agora o movimento das imagens toma uma dimensão nova.



Talvez já tenhamos chegado àquele ponto da história em que o corpo não é a salvaguarda da experiência. O problema, contudo, é que as fronteiras sociais se redefinem e se reforçam diante da crise pandêmica. Ao discutir e ampliar o paradigma da biopolítica, Paul Preciado propõe uma imagem luminosa: “Lesbos começa agora na porta da tua casa”.²² A nova “fronteira necropolítica” não cessa de nos cercar e reafirmar uma ordem global marcada pela necessidade de se livrar do outro, mantendo-o a distância. Ao lembrar a discussão etimológica de Roberto Esposito, que retoma a raiz comum de *comunidade* e *imunidade*, Preciado nos convida a revisitar o tratamento que Foucault deu ao controle da peste em *Vigiar e Punir*. De fato, a retórica bélica de Macron e de tantos outros líderes democráticos mal esconde o gozo do controle sobre a circulação dos corpos, como acontece há séculos, sempre que se procura

22 Preciado, P. “Aprendiendo del virus”, 2020.

conter a peste. No Brasil, no momento em que escrevo, a perversão governamental é outra, expondo uma vilania ainda mais torpe: trata-se de deixar que os corpos pereçam, simplesmente.

Creio que não vem ao caso se o paradigma da biopolítica responde suficientemente ao que estamos vivendo. É óbvio que uma forma de pensar que identifica, no controle dos corpos, a fonte de todo poder, estará em alta num contexto pandêmico. Mas o que talvez realmente importe é saber o que foi feito da *convivência* nos tempos do vírus.

Tampouco vejo grande utilidade em perguntar se “sairemos melhores” da atual encrenca. Parece-me claro que não, ao menos no curto prazo. Afinal, o egoísmo não se varre para baixo do tapete, assim como o dinheiro continuará governando o mundo. Na esteira disso tudo, os nacionalismos estão mais vivos e vitoriosos que nunca. Ou seja, a ilha de Lesbos estará sempre à nossa frente, iniludível, mesmo com o acesso digital expandido. Ainda que todas as crianças do mundo, magicamente, pudessem tomar suas aulas online, os deserdados da terra continuariam batendo à porta, em algum lugar.

Mesmo assim, algo restará da crise.

Voltemos às meninas fazendo sua tarefa diante do iPad. Algo naquela cena me entenece. Não que um mundo melhor se projete na convivência online. Mas a convivência diante da tela faz pensar nos inumeráveis encontros possíveis no mundo que, há não tanto tempo, vimos chamando de “virtual”.²³

Embora a volatilização da vida concreta possa parecer atemorizante, a imagem na tela não roubou ainda a percepção da presença do outro — ao menos não totalmente. Não, pelo menos, enquanto for possível perguntar pelo *corpo* do outro, em sua finitude. Creio ser esta a importância do que escreveu Achille Mbembe: não existe comunidade se não podemos dizer adeus àqueles que partem.²⁴

Mbembe se refere à organização dos funerais em tempos de pandemia. Mas nós podemos lembrar também que a *presença* é uma insistência contra a morte e, nesse sentido, a imagem não é, ou não tem que ser, um ponto de fuga letal. Ao contrário, no plano da consciência — o “céu da consciência” que advoga o desiludido personagem de Bioy Casares — há um encontro impossível e desejado, ali onde o tempo de um se casa ao tempo do outro, e onde mesmo o silêncio, que separa, pode estar repleto de significação.

23 Santos, L. G., op.cit., p.109-122.

24 Mbembe, A. “The Pandemic Democratizes the Power to Kill”, 2020.



Referências

- AGAMBEN, G. “The Invention of an Epidemic”, *European Journal of Psychoanalysis*. Disponível em: <<https://www.journal-psychoanalysis.eu/coronavirus-and-philosophers/>>. Acesso em: 9 jun. 2020.
- BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.165-196.
- BIOY CASARES, A. *A Invenção de Morel*. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- GUMBRECHT, H. U. *Production of Presence: What Meaning Cannot Convey*. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Ed. bilingue. Trad. Fausto Castilho. São Paulo/ Petrópolis: Editora Unicamp/ Vozes, 2012.
- HUI, Y. *On the Existence of Digital Objects*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016. E-book.
- LAGO, M. “Procura-se um presidente”, *piauí*, n.152, maio 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/procura-se-um-presidente/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

- MBEMBE, A; BERCITO, D. “The Pandemic Democratizes the Power to Kill. An Interview”, *European Journal of Psychoanalysis*. Disponível em: <<http://www.journal-psychoanalysis.eu/the-pandemic-democratizes-the-power-to-kill-an-interview/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- MOHAN, S., “What Carries Us On”, *European Journal of Psychoanalysis*. Disponível em: <<https://www.journal-psychoanalysis.eu/coronavirus-and-philosophers/>>. Acesso em: 9 jun. 2020.
- MURAKAMI, H. *Sono*. Trad. Lica Hashimoto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- NANCY, J.-L. “Viral Exception”, *European Journal of Psychoanalysis*. Disponível em: <<https://www.journal-psychoanalysis.eu/coronavirus-and-philosophers/>>. Acesso em: 9 jun. 2020.
- PRECIADO, P. “Aprendiendo del virus”, *El País*, 28 mar 2020. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2020/03/27/opinion/1585316952_026489.html>. Consultado em: 10 jun. 2020.
- SANTOS, L. G. “Considerações sobre a realidade virtual”. In: *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34, 2003, p.109-122.
- SLIMANI, L. “As mulheres e o confinamento”, *Blog Bazar do Tempo*, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://bazardotempo.com.br/1475-2/?mc_cid=767fbcea25&mc_eid=1d2d68054a>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- SOPRANA, P. “70 milhões de brasileiros têm acesso precário à internet na pandemia do coronavírus”, *Folha de S. Paulo*, 16 maio 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/cerca-de-70-milhoes-no-brasil-tem-acesso-precario-a-internet-na-pandemia.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- WISNIK, J. M. “Coronavírus é antagonista à altura do estado de alucinação de Bolsonaro”, *Folha de S. Paulo*, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/03/coronavirus-e-antagonista-a-altura-do-estado-de-alucinacao-de-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 9 jun. 2020.